

PALA

por Nuno Godinho

Carlos tropeça no tapete ao entrar no escritório onde é contabilista há três anos e ninguém repara. Apoiar-se na máquina fotocopadora e nesse momento acontecem duas coisas: do lado de fora de Carlos os seus dentes mordem o lábio e uma gota de sangue mistura-se com a sua saliva; ao mesmo tempo, a sua raiva morde o orgulho e dele escorre frustração. Não é a primeira vez que tropeça. É bastante frequente. Tão frequente que já ninguém repara. Na verdade, ninguém repara em Carlos. Habitou-se e foi deixando atrás dele uma existência diáfana, sem rasto, repleta de episódios que não chegaram a acontecer. Sabe que quase não existe mas não sabe mudar. Nublado, Carlos olha de soslaio para Inês, dirige-se para a secretária dele e apoia-se na calculadora para continuar a não existir.

Inês não repara em Carlos quando o vê entrar. Não é a primeira vez. Trabalham há três anos no mesmo escritório, um escritório pequeno, e raramente se falam. O género de Carlos maça-a. Ela gosta de homens seguros fortes confiantes que a protejam e façam rir, que a amem com violência e a deixem a pensar se foi amada ou usada. Ela gosta, portanto, de homens que não sejam como Carlos. Inês tem 30 anos e tirou um curso de marketing graças ao qual – costuma dizer – pode trabalhar descansada como secretária sem ter de pensar que o faz por não ter alternativa. No início tinha alguns preconceitos com este trabalho. A família pressionava-a para procurar um cargo mais digno do curso que tirou, mas descobriu que gosta do que faz e saber que o faz bem deixa-a satisfeita.

Carlos como sempre repara em Inês. Ela é meia dúzia de anos mais nova que ele, da mesma altura, corpo magro desportivo torneado, feições bonitas, um olhar vivo esperto lúbrico e uma forma de vestir e menear que lhe garantem constante atenção. Para os homens que trabalham na Rama SA, Inês é um programa de variedades e diariamente vai para o ar um novo episódio. É certo que ali não tem concorrência, mas isso não lhe tira o ânimo para todas as manhãs subir o pano ao cenário no qual a imaginação de cada colega encena a sua história de amor.

Jorge repara em Carlos e sorri de troça. Enquanto continua a preparar uma reunião com um fornecedor pergunta-se: "Como é que este tipo tropeça ali tanta vez? Eu até já lá fui ver e não encontrei nada onde se possa tropeçar. Como é que pode ser tão distraído? Tão bronco". Por momentos Carlos existe sem saber. Jorge tem 40 anos de idade, cinco dos quais dedicados à Rama SA, é o chefe de Carlos e de Inês e é uma besta. Pelo menos para quem o vê de fora. Porque Jorge, que se vê de dentro, vê uma pessoa inteligente astuta esperta e de

raciocínio rápido que sabe estar, nascido para liderar e com saída com as mulheres. Mas quem o vê de fora vê uma besta. Pelo menos do ponto de vista de Carlos. Há entre ele e Jorge uma relação cordial de mútuo desprezo que só não é simétrica porque Jorge despreza Carlos de cima para baixo. Carlos não tem ilusões quanto a algum dia a relação melhorar, mas isso não o assusta porque percebe tanto das contas da empresa que se crê insubstituível. Esta situação tem aliás a vantagem de permitir que entre os dois se mantenha uma distância que lhe é conveniente, já que não teria assunto para conversar com Jorge se tivesse de passar mais tempo com ele. Jorge, pelo contrário, nunca pensou nestas coisas e quando repara em Carlos vê apenas um bronco insubstituível.

Jorge trata mal toda a gente no escritório. Trata mal Carlos porque o acha bronco e trata mal Inês porque se sente atraído por ela. É um hábito que ganhou no seu primeiro emprego com um chefe que também era assim. Observou-o atentamente e compreendeu que maltratar os outros é a melhor forma de subir na vida. Ao longo da sua carreira foi apurando a forma de o fazer, afinando abordagens e aprendendo novas técnicas de maltrato, tentando manter sempre a estratégia de parecer o mais preocupado possível com o bem-estar dos seus empregados, principalmente nos momentos em que mais os maltrata. Entre as várias técnicas que usa, as suas preferidas são as que costuma apelidar de agressividade passiva. É comum chamar um subordinado ao seu escritório e deixá-lo à espera enquanto termina uma chamada telefónica que se vai prolongando. Ou, na mesma linha mas mais refinado, fingir que não nota a sua presença por estar tão absorvido no trabalho, assistindo divertido às suas tentativas de se fazer notar. Outro dos seus métodos de imposição de poder pela calada é nunca fazer uma crítica sem logo a seguir a contrabalançar com um elogio, tendo o cuidado de, em ambos os momentos, não revelar qualquer envolvimento emocional. Algo que aprendeu num livro de técnicas de venda e que acredita conferir-lhe um estatuto mais plácido. Divinização pela fleuma, chama ele a isto quando descreve o seu sistema infalível aos amigos com quem joga bilhar.

Jorge trata mal Inês e ela gosta. Inês adora atenção e Jorge dá-lha. No entanto, se o resto do pessoal é corrido a berros, para Inês reserva sempre a sua voz mais melosa. E ela, que vê mais forma que conteúdo, come gato por lebre. De tão concentrada que está em garantir a qualidade da emissão do seu espectáculo diário, não lhe resta capacidade para escutar com atenção o que diz a audiência. Nos outros observa apenas o reflexo de si mesma e nunca repara que Jorge

a trata abaixo de lebre. Inês não é muito inteligente. Mas também não o sabe.

Jorge usa a técnica do machismo com Inês. Não há dia que passe sem lhe recordar alguma das clássicas diferenças que determinam qual o sexo forte. Esta técnica dá-lhe muito prazer e considera-a, de entre todas, a mais infalível, por acreditar não haver mulher que não seja machista. Ser machista com uma mulher é ter nela um aliado e o papel de macho assenta-lhe como uma luva. Com Inês, Jorge finge não ser Jorge, sendo-o. E Inês gosta.

Carlos não. Carlos é tolo mas não é parvo e entende perfeitamente que Jorge a maltrata e que ela ainda lho agradece. Sente-se na obrigação de a ajudar, de a avisar, mas não tem coragem por duas razões: tem medo de Inês e tem medo de Jorge. Enche-se de raiva quando vê Inês obedecer submissa aos mais variados caprichos de Jorge. "Ela é secretária, não é empregada doméstica!" berra Carlos por dentro. Mas cá fora não se ouve.

Hoje, ao sair do escritório Carlos sente-se mais baixo que o costume por causa do tropeção. A sua auto-estima, ainda que acostuada à dor, não aguenta e pede-lhe ajuda profissional. Carlos leva-a então à casa de alterne a que recorrem nestes momentos de crise. Lá, escolhe uma mulher parecida com Inês na esperança de que ela apazigúe a sua dor. Quase-Inês leva-o pela mão para um quarto. Ele despe a sua personalidade e pendura-a nas costas de uma cadeira enquanto ela se prepara para o velho ritual de reanimação do ego masculino. Agora ele olha para o espelho e vê um homem. Fica feliz com a transfiguração mágica a que assiste e esquece que houve uma transfiguração e esquece que ficou feliz com ela. Sabe apenas que há ali algo a fazer e fá-lo. Um ritual tão bem sucedido que a feiticeira se transforma em virgem sacrificada. O homem paga à vítima, veste Carlos que, já com a sua estatura normal, vai para casa e adormece para um sono tranquilo e revigorante.

* * *

Carlos acorda veste-se come sai de casa em direcção ao escritório onde entra e tropeça como de costume. Mas hoje, excepcionalmente, cai no chão bate com a cabeça e desmaia. Hoje, excepcionalmente, Carlos existe. Todos reparam nele e todos, até Inês, se levantam para o ajudar. Inês dá-lhe um copo de água com açúcar e ajuda-o a levantar-se e a sentar-se com um desvelo que até a ela surpreende.

Atônito, Carlos espreita através da falha que aparece na superfície esmaltada de Inês e descobre-a. Parte-se em dois: o de fora sofre da dor da pancada na cabeça e sente-se morrer; o de dentro sofre pelo amor que acaba de nascer. É o momento mais erótico da sua relação com ela.

Regressa ao seu lugar e tenta em vão concentrar-se no trabalho. Não é a dor que ainda lhe habita a cabeça que o distrai. Distrai-o um êxtase suave que nele nasce e a que julga poder finalmente chamar vida. Enquanto o lado direito do seu cérebro se perde nas contas da contabilidade, o esquerdo sente-se bem e pensa em formas de fazer perdurar o bem-sentir. Será este sentimento de amor por Inês semelhante ao que já sentiu antes por outras mulheres, agora apenas mais intenso? Ou será algo maior, algo que é já dele, algo que é já ele, ele que é já algo?

Sai de si e olha à volta. Passados os minutos de tensão, tudo voltara ao normal no escritório. Já todos o ignoram. Até Inês. Carlos estranha agora aquilo que até aqui sempre fora normal. Quer agradecer-lhe. Procura nela um resquício de atenção mas ela ignora até que o ignora. Carlos está vivo e por isso sente medo. Entre ele e o seu momento seguinte há agora o desconhecido. Quer agradecer-lhe, mas desiste.

De volta a casa, debate-se ainda com dores de cabeça. Não as sente no ponto onde bateu com ela mas sim por todo o lado, como se usasse um capacete demasiado apertado que o constrange e magoa. Absorto na reflexão sobre tudo o que se passou hoje, não lhes dá muita atenção. Lembra-se de ter lido em tempos num livro que as oportunidades não vêm ter connosco, que temos de ser nós a ir ter com elas. A ideia soa-lhe razoável mas aterroriza-o imaginar-se a ir ter com seja o que for. Ainda mais se for com Inês. Mas compreende que o que sentiu hoje foi um sinal: esta é a última oportunidade. Decide mudar. Não pode dar-se mais ao luxo de se ficar, porque esse luxo é uma miséria. Amanhã abordará Inês. O pior que lhe pode acontecer não é pior do que já lhe acontece.

Deita-se aterrorizado e ansioso e com uma dor de cabeça que não passa. Reflete sobre o seu passado, pensa nas muitas oportunidades que já perdeu e faz as contas a quanta vida deixou por viver. O saldo é negativo. Vida negativa, não vivida, que já nem ele nem ninguém poderá viver. Compreende que, como quase todas essas oportunidades recusadas envolviam mais pessoas, recusou também a outros a possibilidade de as viverem e condena-se por isso. Um sentimento de

culpa que lhe dá força e permite fazer chantagem sentimental consigo próprio: quão errado é não viver a vida. Sente que não tem o direito de recusar a Inês viver seja o que for que lhes está destinado. Adormece vencido pelo cansaço mas feliz com a sua nova arma secreta e determinado a virá-la contra si nos próximos momentos de fraqueza.

* * *

Carlos entra no escritório com a cabeça a latejar mas não tropeça e ninguém nota. Inês está hoje particularmente atraente. Hoje, um dia fatídico para os dois. Tinha planeado dirigir-se a ela assim que chegasse para evitar emaranhar-se nos tentáculos do acanhamento mas quando dá por si está sentado à secretária a fazer contas. Fraquejou. Afinal mudar de vida não é fácil. Carlos aceita a sua fraqueza e esconde-se na calculadora fazendo consigo o pacto de sair de lá e afrontar Inês mal surja uma oportunidade. As horas passam mas a dor de cabeça não e Carlos, nervoso, sua por dentro. Chegado o final do dia pensa: "Basta. Não posso privá-la de viver seja o que for apenas porque sou tímido. Eu não sou tímido, sou egoísta". Determinado, levanta-se e dirige-se a Inês. A sua arma secreta em contagem decrescente. Agora ela está ali, a olhar para ele, a sorrir, já não pode recuar:

- Inês, queria agradecer-lhe ter-me ajudado ontem quando caí. Sem si não teria sobrevivido.

- Ó Carlos, que disparate. Não foi nada.

- Estou-lhe muito grato e gostava de retribuir de alguma forma. Espero que não leve a mal se a convidar para ir beber um copo depois do trabalho.

Carlos está agora dividido em dois. O físico, que olha para Inês e que, sem pensar, debita o discurso previamente imaginado e praticado até à exaustão, e o mental, que olha para si próprio sem saber o que fazer, sem sequer ouvir o que está a dizer, e que está prestes a entrar em pânico.

- Obrigado Carlos, mas hoje já tenho coisas combinadas com o Jorge. Vamos ao cinema.

Ambos os Carlos entram em pânico e fundem-se num que se afunda no seu lugar em silêncio. A dor de cabeça ensurdece-o. Vai para casa certo de que agora é o fim. O fim de algo que nem sequer começou: a sua

vida. Toma um comprimido para a dor de cabeça que não funciona e deita-se como quem morre.

* * *

De manhã Carlos acorda vivo. Mas algo lhe aconteceu durante a noite. Levanta-se ainda ensonado, começa a fazer a barba ao espelho quando nota que a metade direita da sua cara estava estranha, descaída. Apalpa-a e tudo parece normal, nada lhe dói e não sente nada de diferente, mas ao tentar fazer caretas compreende que esta deixou de responder à sua vontade. Fechou-se uma das portadas do seu frontispício.

Sente pânico. Para completar a sua miséria já só lhe faltava entrevar. Que aquela estranha apatia está a alastrar para outras partes de si é já quase certo. Antevê-se hortaliça. Voa para as urgências do hospital onde lhe diagnosticam uma paralisia facial. Dizem-lhe que é uma doença da qual ainda pouco se sabe, que o nervo que comanda os músculos do lado direito da sua cara está inflamado e que, quando sarar, recuperará os movimentos. Fica a saber que afinal o seu cérebro não coalhou e que a paralisia não irá alastrar; que uma paralisia facial não mata, só mói; que é uma doença bastante comum que todos os anos afecta uma em cada cinco mil pessoas.

Quatro mil novecentas e noventa e nove pessoas podem dormir descansadas o resto do ano, pensa Carlos que nunca ouviu falar em tal coisa, ainda sem acreditar que seja possível alguém ficar assim paralítico de um dia para o outro. Os médicos dizem-lhe que pode ter sido lufada de ar fresco, virose, uma pancada na cabeça ou talvez stress.

Stress talvez.

Pelo sim pelo não, evite lufadas de ar fresco, dizem-lhe ainda. De resto agora é esperar, faça caretas ao espelho várias vezes ao dia e tenha paciência que dentro de um mês, com sorte, fica bom. Sorte? Carlos sabe que não tem sorte nenhuma. E sem sorte? Vai ver que vai ter. Acima de tudo tenha cuidado com o olho. Carlos ainda não se tinha apercebido de que, como nenhum músculo mexe no lado direito da sua cara, não consegue fechar o olho. Sem piscadelas o olho arde cada vez mais e se não tiver cuidado pode causar danos irreversíveis, explicam-lhe, dando-lhe um frasco de gotas que o aliviarão.

Ainda sem entender bem o que lhe está a acontecer, decide voltar para casa a pé para desanuviar e no caminho sente o ardor no olho aumentar

até se tornar insuportável. Assustado, recorre às gotas que acalmam o ardor mas turvam a vista, obrigando-o a parar de caminhar para não esbarrar com as pessoas com que se cruza. Enquanto esfrega o olho, uma pessoa pára e pergunta-lhe se está tudo bem. Quando Carlos lhe responde ela assusta-se com o esgar agudo que a sua cara desequilibrada faz. Constrangida, a pessoa tenta disfarçar. Mas é tarde demais e Carlos percebe o horror que agora causa nos outros. De boca à banda, um olho eternamente aberto e a mente ainda toldada pela situação, desata num pranto copioso que só amplifica a aberração. Caminha apressado para casa, escondendo a cara como pode, evitando o olhar de espanto dos que o apontam. Em casa, deita-se acalma-se e toma consciência da realidade: é um monstro.

O que seria aparecer assim no escritório amanhã. Nem quer imaginar o que os colegas diriam dele. Liga para Jorge, explica-lhe que teve um problema de saúde e que vai ficar de baixa uns tempos. Jorge ouve Carlos e aceita sem perguntas. Isso por um lado alivia Carlos, que ainda não se sente capaz de explicar o que lhe aconteceu, muito menos a alguém como Jorge; por outro lado a ausência de preocupação na voz dele desfere mais um golpe na sua frágil existência.

Deita-se consternado e de olho tapado. Mas este dia aberrante deixou-o tão cansado que dorme profundamente e só acorda a meio da manhã do dia seguinte.

* * *

Carlos acorda boceja espreguiça e estremece ao lembrar-se de tudo o que lhe aconteceu ontem. Ainda deitado na cama, tenta mexer a cara apenas para confirmar que metade continua ausente. Dentro dele, o silêncio. Está aterrado. Levanta-se abismado mas sente-se sem forças e cai no sofá tapando a cara com as mãos, apoiando os cotovelos nos joelhos. Durante momentos que lhe parecem eternos, vive por antecipação o resto da sua vida sem a metade da cara que lhe falta. Chega ao fim, morre e volta ao presente, sentindo que ela ficou pesada demais para ser vivida e adormece. Acorda mais calmo, anima-se levanta-se dirige-se ao espelho e concentra-se em cada um dos músculos do lado parado da cara, tentando em vão movê-los. Agora é assim, de cara entorpecida. E pensa "agora sou assim, de cara entorpecida", enquanto tenta olhar para si como sendo assim e não apenas como estando assim. Receia não voltar a ser quem era. Mais vale ir-se habituando.

E o dia segue. À excepção da dor no olho, nada mudou na forma como Carlos sente a sua cara. Mas as frequentes caretas fisioterapêuticas frente ao espelho recordam-no constantemente da sua monstruosidade. Toda a expressão gera uma impressão, e ele tem a forte consciência de, ao sorrir, exprimir não um sorriso mas um esgar cínico, um sorriso Nike. Corrompe-se a intenção da expressão e assim se distorce a impressão. É como se ele se visse de fora. E vê-se. Vê-se a ver-se. Vê-os a verem-no. Revê-se a ver outros com expressões corrompidas e compreende a distorção da impressão que deles teve.

Passam os primeiros dias, dias muito confusos, em que vai tentando reajustar o seu ser ao seu novo estar. Passa a surpresa inicial e começa a habituar-se às rotinas e constrangimentos com que agora tem de viver. Passa até o desconforto com a excessiva inédita atenção que recebe na rua. Se se limitar a caminhar ninguém repara. Os contornos da vida de Carlos voltam a esbater-se e torna a diluir-se no quotidiano que o rodeia. Mas nem tudo passa e se for obrigado a falar não há quem não repare nas suas estranhas feições. O que nem sempre é mau porque vai recebendo conselhos de amigos de amigos que já passaram pelo mesmo: faça acupunctura e põe-se bom num instante; unte-se com aloé vera; durma, descanse.

A actividade de Carlos gira quase toda em torno da sua doença. De manhã, um fisioterapeuta faz-lhe uma massagem facial para estimular os músculos e diz-lhe que isto foi causado por um vírus mas que não se preocupe que vai ficar bom. Depois, é a sequência de caretas que faz contra o espelho que lhe diz parecer impossível que alguma vez a sua cara torne a mexer. À tarde, as agulhas de um chinês holístico que lhe diz que aquilo foi rajada de vento e que fuja delas como o diabo da cruz mas que graças a ele ficará bom enquanto esfrega um olho. Ao fim do dia, volta a casa para mais caretas ao espelho, espelho que nunca lhe diz nada de bom. Tudo isto salpicado por gotas no olho.

* * *

Um dia de manhã Carlos vai à farmácia comprar mais gotas para o olho e repara numa pala preta. Um resquício de humor que lhe resta fá-lo sorrir com a ideia de a usar. Na sua mente, moldada pelos clichés da fantasia infantil, um pala destas é para piratas e não para doentes. Mas ao vê-la, aventura-se a pensar que o problema no olho lhe permite fingir querer ser pirata e, num raro rasgo de espontaneidade, compra-a. Ter legitimidade para usar pala é um privilégio, uma oportunidade rara. Ter uma pala no olho é encarnar personagens literárias

fascinantes, é não ser já só um eu, é ser um monte de eles que de outra forma nunca existiriam. Carlos veste a pala e sai para a rua.

As crianças, que antes se assustavam com a sua cara aberrante, agora brilham de espanto e rasgam sorrisos de orelha a orelha. Podia até ter a cara destruída e em carne viva que o efeito seria o mesmo: a pala aos olhos infantis é um filtro que transforma quem quer que a use em fantasia. Carlos poderá para sempre dizer: fui pirata. De súbito, tem uma certeza: se para as crianças ele já se transformou naquele que afinal sempre quis parecer, o mesmo sucederá com os adultos. Esta conclusão desencadeia dentro dele outra transformação inesperada:

Da pala emana um fluido quase material que contagia a sua personalidade esponjosa, preenchendo-a e conferindo-lhe pela primeira vez forma e volume. Esta incha e empurra as paredes do seu corpo que, assim forçado, se transfigura adapta molda em redor da nova medula que vai ganhando forças: as costas alongam-se, o olhar torna-se lícido e focado e os membros, antes moles, adquirem uma firmeza que confere a todos os seus movimentos propósito e convicção. Carlos produz Carlos, sai de cena e torna-se espectador. A pala coloca-o diante da personagem que estava destinada a viver por ele esta aventura. Já sem medo dos olhares da rua, sente agora vontade de os enfrentar confrontar afrontar com este novo Carlos que nasce. À volta dele passou a ver olhares de inveja e respeito, e todas as situações antes constrangedoras transformam-se em experiências a viver, possibilidades a explorar por este seu novo ser ansioso por recuperar todo o tempo desperdiçado. Ao tapar o olho com a pala, Carlos destapa a alma e o que o mundo perde em profundidade ganha em espessura.

Vai ao talho. Atrás do balcão, o talhante: um homem grande forte ágil, rápido no manuseamento das facas e um olhar de poucos amigos. Sempre o intimidou este gigante de voz grave poderosa que transborda confiança em todos os gestos que faz. Mas se entre os dois nunca houve qualquer tipo de diálogo para além do estritamente necessário, é agora o próprio talhante que, ignorante da impressão violenta que sempre causou em Carlos, fica impressionado e enceta conversa para saciar a curiosidade perante tão bizarra aparição. Este Carlos existe. E orgulhoso, conta a sua história. Antecipando comiseração, prepara-se para acrescentar que ele não se preocupe, que não é grave, que vai ficar bom. Mas em vez de pena, encontra um brilho nos olhos. O talhante, cativado como se de o relato de uma viagem de aventuras se tratasse, faz-lhe pergunta atrás de pergunta até conhecer tintim por

tintim a história dramática mas emocionante que Carlos vive. Saciado, avia-o e que vá descansado que aquela carne não desiludirá. Quando Carlos vai a sair, chama-o ainda para lhe oferecer umas salsichas que ali tem, que está certo lhe trarão alegria. O talhante já não é terrível. Carlos observa Carlos. O Carlos de dentro intriga-se baralha-se assusta-se com a segurança e calma do Carlos de fora e tenta entender como é afinal tão fácil viver. "Que freguês tão simpático!" comenta o talhante ao ver Carlos afastar-se; "mas porque é que desta vez ele não foi antipático?" comenta também Carlos quando Carlos se afasta.

Quando temos uma atitude egoísta pensamos: eu não sou egoísta mas desta vez fui. E serão precisas muitas mais atitudes assim antes de começarmos a desconfiar que somos realmente egoístas. Mas basta-nos observar uma única vez essa mesma atitude noutra pessoa para não nos restarem dúvidas de que é egoísta. Se aos nossos olhos podemos ser muita gente diferente ao mesmo tempo, aos olhos dos outros não somos senão aquilo que fizemos. E em poucos dias Carlos passa a ter sido sempre aquilo que só agora começara a ser.

Embora doente e num constante corrupio de médico para médico, Carlos já não sofre. Tudo isso vale a pena pois agora reconhecem-no sorriem-lhe falam-lhe desejam-lhe as melhoras e perguntam-lhe coisas sobre a sua vida. Carlos sente-se opaco e feliz.

Passaram duas semanas e a sua face direita continua imóvel. Mas é já tempo de voltar ao escritório. Recuperado do susto e acostumado à situação, está de novo apto a fazer contas. Ainda assim o regresso aterroriza-o, como uma viagem ao passado da qual não sabe se volta. À noite, na cama, sem conseguir adormecer, questiona-se se o novo Carlos sobreviverá à viagem. Como cristalizá-lo para evitar que em breve dele não sobrem só memórias? Carlos deseja devir Carlos.

* * *

Carlos acorda veste-se come sai de casa entra no escritório e nem repara que não tropeça. À aparição da sua cara diagonal, as outras caras torcem-se espantadas na sua direcção. Os seus colegas param de trabalhar e, preocupados, rodeiam-no interpellando-o com perguntas. O que lhe aconteceu?

Quando Carlos se prepara para falar, todos se calam. Nesse momento toma consciência de que o silêncio que se instala à sua volta é para ele. É dele aquele silêncio. E num acto de puro prazer estético adia

por uns segundos o som da sua fala para o escutar. O silêncio por ele amplificado embate com força contra a sua pele e, ao atravessá-la, activa todas as células do seu corpo que vibram e o fazem sentir-se intensamente presente. Pela primeira vez a vida dos outros é também dele. Dura apenas um ápice mas, nesse curto espaço de tempo, ao adiar falar, Carlos torna-se maestro de uma peça para orquestra cujo resultado sonoro é o mais audível silêncio que alguma vez lhe foi dado a escutar.

Finalmente fala. Este é um momento determinante na sua vida e a pala que lhe pontua a cara, como os cabelos a Sansão, dá-lhe o poder que necessita para estar descontraído. Um poder que até a ele surpreende e ao qual se submete sem resistência: decide inventar uma longa história cheia de detalhes que envolve assaltantes violentos, polícia e uma faca que se lhe espetou no olho. Ao horror estampado nas caras dos colegas, em particular na de Inês cuja feminilidade permite e promove maior exuberância, Carlos responde com uma sonora gargalhada que lhe deforma ainda mais a cara e que, não fosse o inconfundível som do seu riso, daria a todos a certeza de ali sofrer dores atrozes. Perante olhares baralhados e ainda horrorizados, Carlos, ainda a rir, desmente-se e explica então, com igual detalhe, o que de facto aconteceu, substituindo a história fantástica por outra não menos impressionante.

Os colegas espantam-se. Ainda não recompostos do choque, tentam habituar-se às deformações da sua cara e também à sua gargalhada cujo som, embora igual ao que sempre foi, lhes era até então desconhecido. "Não me olhem como se eu estivesse às portas da morte que isto não tarda passa" diz Carlos num tom descontraído para os tentar tranquilizar. O velho Carlos espectador preocupa-se: "Agora tenho de fingir que está tudo bem, dirigir-me para o meu lugar e começar a trabalhar como se nada fosse". Mas o que acontece (e que ele estupefacto observa) é que o novo Carlos, despreocupado, nem pensa nisso: retoma o seu lugar e começa a trabalhar como se realmente nada fosse. A fantasia torna-se realidade.

Jorge hesita. Impressionado e sem saber bem o que dizer mas sentindo que, por ser o chefe, tem obrigação de dizer alguma coisa, pergunta a Carlos se se sente mesmo bem para trabalhar, se não prefere descansar mais uns dias a ver se fica bom. Carlos diz-lhe que não se preocupe, que foi só da parte de fora que a sua cabeça ficou torta e que por dentro ainda está bem capaz de fazer contas. Habitado àquela forma fraca de Carlos existir, Jorge é apanhado de surpresa por este seu

inédito sentido de humor e não sabe muito bem como reagir. Mas entende que para falar com ele terá de encontrar um novo tom de voz compatível com o seu novo espírito. Como dirigir-se a um homem que ainda ontem pedia desculpa por respirar e agora se ri das suas próprias desgraças? Jorge, um homem fraco cuja aparente força é simulada com truques de ilusionismo social, vacila ao reconhecer a verdadeira força, a de quem age como quem não tem nada a perder.

Inês estremece. A ligeireza com que Carlos fala da coisa horrorosa que lhe aconteceu, como se de um simples arranhão se tratasse, perturba-a e a pena que inicialmente sente por ele começa a transformar-se em respeito pela sua coragem. Ela sabe que é nos momentos de desgraça que as pessoas se revelam. Tem a certeza de que nunca ousaria sair de casa naquela condição, muito menos com um sorriso nos lábios, ainda para mais torto. Carlos é notável. O subconsciente de Inês mulher, programado para procurar e identificar qualidade genética, aprova Carlos e lança sinais eléctricos através de milhares de nervos que levam a boa nova a todas as partes do seu corpo. Quase em simultâneo, o consciente de Inês olha para Carlos e repara pela primeira vez quão atraente ele afinal é. Lança-lhe um sorriso que ele apanha em pleno voo.

Com o sorriso de Inês estampado na cara, Carlos, incrédulo, começa a sorrir por dentro. Será possível o que acabou de acontecer? Estará a sua imaginação a traí-lo? O sorriso que ela lhe lançou não pareceu feito de pena: foi alegre. Decide arriscar e sorrir por fora também. Sorri o seu semi-sorriso e assim sorriem juntos pela primeira vez, Carlos e Inês.

* * *

Inês volta a concentrar-se no trabalho e Carlos caminha agora em terreno desconhecido. Determinado a avançar, sente no entanto que deve fazê-lo com cautela para não tropeçar nele próprio e tornar a cair dentro de si. Refugia-se na casa-de-banho e aproveita para fazer os seus exercícios de fisioterapia frente ao espelho. Mas desta vez, a meio de uma das muitas caretas prescritas, nota um ligeiro movimento na ponta direita dos lábios. Um movimento tão ténue que começa por duvidar que se tenha dado. Aproxima-se mais do espelho, concentra-se no pensamento desse movimento e vê então, pela primeira vez desde que paralisou, o movimento com tanto esforço pensado brotar da superfície da sua pele.

Carlos não cabe nele de contente e sai cá para fora. Sem pensar, dirige-se a Inês, conta-lhe a novidade e, sem rodeios e sem reparar que a trata agora por tu, convida-a para, depois do trabalho, comemorar com ele o renascer do seu sorriso. Vens? Desta vez, Inês, feliz por Carlos mas acima de tudo feliz por ele a ter escolhido para partilhar esta novidade, aceita o convite. Vou. Quando Carlos chega a si, já convidou Inês e já esta aceitou. Toma consciência da realidade demasiado tarde para entrar em pânico e toma também consciência de que a realidade é já outra, que não o assusta. Volta ao seu lugar de trabalho mas novamente não trabalha. As emoções que o percorrem são fortes demais e as únicas contas que consegue fazer são aos minutos que faltam para a sua hora de saída. Sente-lhes as pancadas, sente poder agarrá-los e tenta empurrá-los para trás de si, para ultrapassar o último, aquele a seguir ao qual não há senão o levantar e sair.

Após esse derradeiro minuto, vai para casa, toma um banho, veste roupa preta para combinar com a pala e segue para o bar. Inês ainda não chegou. Pede um gin tónico e senta-se a aguardá-la. O seu olho que pisca percorre curioso as outras mesas do bar: grupos de amigos tagarelam, casais sussurram carícias, alguns seres solitários conversam calmamente com a bebida e outros, como ele, aguardam expectantes uma qualquer companhia prometida. Um calafrio percorre-o ao pensar na possibilidade de a sua faltar ao prometido. Que desilusão seria. E por outro lado, quão mais simples seria também esperar esperar esperar fartar-se e ir embora para casa chateado frustrado mas sem ter de a confrontar. Vistas bem as coisas não ficaria pior do que sempre esteve. O tempo a passar e ela a não aparecer. Carlos começa a habituar-se à ideia reconfortante de ficar para ali sozinho a beber e a lamentar-se. Então, de súbito, sente um novo calafrio quando pensa na possibilidade de ela aparecer. O que lhe dirá? Nunca esteve antes numa situação assim, em que tivesse de cativar uma mulher, porque todas as mulheres com quem esteve até hoje foram cativadas contra reembolso. Lembra-se da pala e sente a sua confiança regressar. Afinal a pala ainda não o desiludiu.

Inês aparece de surpresa, tapa-lhe o olho sem pala, prega-lhe um susto, Bu!, e desata a rir. A espiral de medo em que Carlos começava a escorregar desfaz-se com o susto e, antes que ele tenha tempo de se recompor, já ela está sentada ao seu lado a falar pelos cotovelos. Blá blá blá, blá blá blá blá, blá blá blá, blá blá blá. Nada do que ela diz lhe interessa mas isso pouco o importa: está linda. Blá blá blá, blá blá blá. Inês irradia beleza. A sua pele morena, a pouca

roupa que traz vestida e o tom arrebatado da sua voz deslumbram-no. Ela está ali exclusivamente para ele e parece feliz com isso. Blá blá blá, blá blá blá. Havia afinal tanto para dizer e a dado momento ele blá blá blá, blá blá blá, o que a faz soltar uma sonora gargalhada. Carlos ri-se também e num reflexo de vergonha leva as mãos à cara para esconder a deformação que o riso nela provoca. Inês ri-se ainda mais, afasta-lhe as mãos da cara e beija-o.

Carlos, incrédulo, beija Inês. São beijos empenados mas Inês não parece importar-se. Envoltos num casulo de sensualidade, viajam até casa de Carlos onde Inês despe o figurino, desmonta os cenários, desce do palco e pára de representar. O lado de fora de Inês está transparente e deixa agora Carlos entrever o seu lado de dentro. Com Carlos, Inês consegue ser ela própria e entrega-se-lhe feliz, olhando sem medo para a sua cara esconsa. Subjugado ao poder dos amantes que se despem, o tempo vai abrandando até quase parar, impondo um silêncio longo ao espaço que os rodeia. Nus, por dentro e por fora, unem-se e consomem-se até nada sobrar, até nada faltar e não se distinguir mais o dentro do fora.

Inês adormece esgotada e saciada. Carlos, para quem o sexo era até hoje algo que desconhecia fora do contexto de uma transacção comercial, resiste ao sono, saboreando lânguido e confuso a experiência nova que acaba de viver. O seu corpo, ainda vagamente misturado com o de Inês, descobre espantado um sexo que não serve apenas para consolo; um sexo que serve também para comunicar a Inês o amor que nele cresce.

Durante a noite, talvez catalisada por todas as emoções que lhe foram dadas a viver, dá-se a ansiada metamorfose que devolve os movimentos à cara de Carlos. Quando desperta nessa manhã na sua cama de sonhos inquietos, não se apercebe de imediato, mas o corpo nu e ainda dormente de Inês e o casulo rasgado recordam-lhe que a noite passada foi diferente. Sente-se homem. Sente-se Carlos. Vai à casa-de-banho lavar a cara e é aí, ao espelho, que toma consciência do que aconteceu: está curado.

Radiante, beija Inês que ainda dorme, ansioso por lhe mostrar a novidade. Inês acorda estremunhada, com a cara dele colada à dela, sem pala e com um enorme sorriso entre as duas orelhas. Ao ver-se reflectido nos olhos dela, Carlos reconhece de súbito o Carlos que sempre foi, vacila e o seu sorriso fica tremido amarelado inseguro, a balançar-lhe na cara, num equilíbrio instável de quem já não sabe novamente o que ser. Carlos transparece Carlos. Ainda ensonada, Inês

olha para ele, olha através dele, olha à volta dele e, baralhada, pergunta ao Carlos de hoje pelo Carlos de ontem. Não o encontra e levanta-se assustada. O Carlos de hoje, pressentindo que algo se passa, precipita-se para tentar abraçar Inês que já não lá está, tropeça e cai dentro do Carlos de sempre.

* * *

Inês confusa passeia agora hesitante pela casa ainda desconhecida. Espreita a cozinha, os livros do escritório, senta-se no sofá e à mesa de jantar. Finge curiosidade mas fá-lo apenas para ganhar tempo, por não saber se fique se vá. Por um lado, o que sentiu ontem não foi apenas o prazer físico do sexo nem tão pouco a vaidade de se sentir amada por mais um homem; por outro, enquanto o Carlos de ontem, que a fez sentir o que ainda sente, era atraente e interessante, o Carlos que hoje viu ao acordar é aquele que ignorou evitou desprezou desde que conheceu e preferia não ter conhecido.

Baralhada, pede-lhe uma toalha e vai tomar banho. Roda mecanicamente a torneira do duche, espera mecanicamente que a água aqueça, dá um passo mecânico para debaixo do chuveiro e queda-se ali, imóvel, a água quente a correr-lhe longamente pelo corpo, na esperança de encontrar o fio à meada dos seus sentimentos.

A dado momento reparam nas horas, compreendem que estão atrasados, apressam-se aprontam-se e partem juntos para o escritório. Vão em silêncio, pensativos, sem coragem para se confrontarem. Inês sente-se constrangida porque, embora ainda não o saiba, mora agora dentro dela alguém que mal conhece; Carlos sente-se abandonado pois sabe perfeitamente que neste momento dentro dele já só mora o infeliz que pensa nestas coisas.

* * *

Pela primeira vez, Carlos e Inês entram juntos no escritório onde trabalham há três anos. Os restantes colegas olham na sua direcção e têm assim oportunidade de observar em pormenor todos os movimentos que Carlos faz ao tropeçar desequilibrar-se reequilibrar-se e dirigir-se tristemente para o seu lugar. As únicas coisas que lhes chamam a atenção são a ausência da pala no olho de Carlos e a irrepreensível simetria de todas as expressões que a sua cara não consegue evitar fazer enquanto o seu corpo luta contra a gravidade.

Inês, que vai à frente, não vê nada mas entende tudo. Senta-se no seu lugar, olha para Carlos e sorri-lhe. É aquele Carlos que aquela Inês ama.